



EDUCAÇÃO PARA A JUVENTUDE: DISCURSOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS NA ERA MODERNA

ISABELA GONÇALVES DE MENEZES

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

RESUMO

Este é um artigo de cunho filosófico-educacional que objetivou, através de uma breve arqueologia dos discursos político-pedagógicos de importantes pensadores da Era Moderna, refletir sobre as concepções de educação para a juventude e sobre a função do Estado educador no período em pauta. Nesse sentido, ao proceder a revisão bibliográfica sobre a construção social da instituição escola, propõe-se a contribuir para o debate no campo da História da Educação, em específico no estudo das teorias educacionais.

Palavras-chave: Educação. Escola. Instrução. Juventude. Modernidade.

ABSTRACT

This is a philosophic-educational article, which aimed, through a brief archeology of political speeches of important educational thinkers of the modern era, reflect on the conceptions of education for youth and the role of the state educator in the period in question. Accordingly, in examining literature review on the social construction of school institution, intends to contribute to the debate in the field of history of education, in particular in the study of educational theories.

Keywords: Education. School. Instruction. Youth. Modernity.

Na Era Moderna, período de rupturas e mudanças nos campos da religião, da ciência, do trabalho e na organização da sociedade, observa-se a constituição do sistema de educação pública e universal. De fato, a Modernidade foi determinante na construção dos modelos de educação e de escola, cujo papel era de difusão do saber e da cultura, sem associá-la apenas à erudição, mas com uma proposta mais ampla, como a de transmissão das formas de ser, de pensar e de agir coletivamente, em um processo que prepara o homem para a participação da vida em comum. Assim, neste artigo, com o objetivo de refletir sobre a genealogia das políticas públicas educacionais para a juventude e sobre o papel do Estado educador, são discutidos aspectos das concepções político-pedagógicas de autores como Erasmo de Rotterdam, Comenius e Maquiavel.

O PENSAMENTO PEDAGÓGICO MODERNO SOBRE EDUCAÇÃO

Preocupado com o ordenamento da vida social em sua época, Erasmo de Rotterdam (2005), um dos principais expoentes do pensamento pedagógico moderno, considera a educação e a escola como ferramentas extremamente importantes para disseminação do processo civilizatório. Assim, teoriza sobre as possibilidades de educação para a vida em sociedade, pois, em sua concepção, é por meio de uma meticulosa aprendizagem advinda dos moldes instrucionais que o homem é lapidado, enquanto que, desprovido da educação, não passa de uma pedra ou de um animal inútil.

No pensamento erasmiano, o homem nasce “flácido, nu e indefeso”, isto é, inacabado e por fazer-se, porém, com a “mente capaz de aprender” (ERASMO, 2005, p. 26). Por conseguinte, se sua educação for aplicada de forma

diligente e aprimorada, terá acesso a toda virtude, pois, “o que há de mais eminente e singular no homem” (Id., *ibid.*, p. 26) é o fato de ele poder exercitar a razão, aquela que o constitui, que o define como animal racional e que o distingue dos irracionais. Mas, razão e experiência dependem do empenho; portanto, para uma maior eficiência, desde a mais tenra idade a criança deve ser instruída e entregue ao formador. Ao adulto cabe o dever de moldar até à perfeição o menor que nasce como uma massa informe; isso significa que desde os seus primeiros dias a criança deve ser educada, já que, sem a instrução, o homem se degrada (Id., *ibid.*).

Para esse pensador, o “inculto é uma criatura inferior”, inclusive, em certos aspectos, até mesmo aos animais (Id., *ibid.*, p. 30; 31); portanto, “falhar na educação é fazer do ser humano um monstro” (Id., *ibid.*, p. 32). Em um discurso de sentido ético-religioso, considera que imprimir a imagem de homem na criança – “um campo inculto e vazio” (Id., *ibid.*, p. 42) –, torna-se uma missão dada tanto pela natureza como por Deus, pois este pedirá conta aos pais pelos seus filhos. Se não trabalhar na formação pueril é tido como algo de maior gravidade, por sua vez, a deseducação ou preparação de um cidadão corrupto é considerado por Erasmo como um “crime nefando”, posto que o futuro da criança dependerá dos seus antecedentes educacionais (Id., *ibid.*, p. 37).

Feracine (2005, p. 26) observa que “um ‘topos’ comum em toda a literatura humanística do Renascimento” é a ideia de que, “embora débil e frágil, uma vez que seja exercitado, o ser humano dotado de ‘mens disciplinis habilis’ pode entender a natureza”; isto é, para Erasmo, não obstante a natureza seja de *per si* eficiente, a educação prevalece sobre ela, pois, com sua eficácia, pode aperfeiçoá-la. Nesse sentido, a índole do educando é passível de modificações profundas graças à ação educativa que, se bem adequada, preparará o homem para o uso correto dos bens materiais, para a honestidade e para que tenha uma estrutura ética e de “onde tirar a retidão do bom viver” (ERASMO, 2005, p. 29).

Em suma, é a razão que “faz” o homem, conceito este que, atrelado à natureza e à ética, sustenta toda a construção pedagógica erasmiana. Dessa tríade, depende a felicidade humana. A natureza humana consiste no uso da docilidade e da razão, um complexo de ensinamentos e preceitos; no entanto, como “ninguém possui controle pleno sobre a natureza”, deve-se “coadjuvá-la de algum modo” (Id., *ibid.*, p. 53); assim,

a arte de instruir criança consta de diversas etapas. A primeira e principal consiste em fazer com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade; a segunda que tome amor pelas belas artes e aprenda bem; a terceira, que seja iniciada nos deveres da vida; a quarta, que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade (Id., *ibid.*, 2005, p. 123).

Comenius (2011), outro importante pensador da Era Moderna, estabelece uma pedagogia como um sistema de transmissão da cultura, a antítese da natureza. Tanto em Comenius (2011) quanto em Erasmo (2005), percebe-se uma pedagogia da necessidade de os homens aprenderem sobre a vida em comum, com ênfase no ensino aos mais jovens. Para esses autores, havia o imperativo de se educar o jovem não porque fosse perverso, mas por ele estar próximo à condição de ser natural, de modo que o processo de educação por meio da cultura o conduziria à condição de ser social; precisamente a ideia que se apresentava como o valor positivo para a Modernidade.

Comenius (2011) ainda compartilha com Erasmo (2005) alguns pressupostos básicos pedagógicos, tais como: a importância da educação desde a mais tenra idade já que, para ele, “a formação do homem é muito fácil na primeira infância: ou melhor, só pode ser dada nessa idade” (COMENIUS, *op. cit.*, p. 78); a ideia de que é a educação que diferencia os homens dos animais irracionais: “a educação é necessária para que sejam homens e não animais ferozes” (Id., *ibid.*, p. 76) e “o homem, para ser homem, precisa ser formado” (Id., *ibid.*, p. 71); uma educação voltada para a ética e a formação cidadã: “não há caminho mais eficaz para corrigir a corrupção humana que a correta educação da juventude” (Id., *ibid.*, p. 27) e “se for preciso curar a corrupção do gênero humano, é preciso fazê-lo, sobretudo, por meio de uma atenta e prudente educação da juventude” (Id., *ibid.*, p. 29). Comenius (2011) também destaca que os exemplos da natureza devem ser examinados para que a educação dos jovens se desenvolva com maior facilidade e enfatiza o valor da disciplina e dos exemplos na formação e orientação das crianças. Ainda para esse autor, a excelência do homem depende de três coisas que se constituem o pilar da vida na terra e na vida eterna: a instrução, os costumes e a religião, ou seja, dando ênfase a um tipo de educação moral, intelectual e física. Porém, diferentemente de Erasmo (2005), na concepção de Comenius,

a mente do homem quando chega ao mundo é oportunamente comparada a uma semente ou a um núcleo em que, embora não exista em ato a forma da erva ou da planta, sem dúvida contém em si a erva

ou a planta: de fato, uma vez enterrada, a semente expande para baixo as raízes e para cima os brotos, que, em seguida, pela força da natureza, se transformam em ramos e fronde, cobrem-se de folhas, adornam-se com flores e frutos. Portanto, o homem nada recebe do exterior, mas só precisa expandir e desenvolver as coisas que já traz implícitas em si, mostrando a natureza de cada uma (COMENIUS, op. cit., p. 59).

De outro lado, observa que se a natureza dá sementes, seja da ciência, da honestidade e da religião, ela não oferece nem a ciência, nem a virtude e nem a religião; de modo que, segundo esse pensador, tais elementos só poderão ser obtidos por meio de preces, estudo e esforço pessoal. Conclui que “ninguém cuide ser realmente homem se não tiver aprendido a comportar-se como homem, ou seja, se não tiver sido formado nas coisas que fazem o homem” (Id., *ibid.*, p. 71-72); de modo que “a educação é necessária para todos” (Id., *ibid.*, p. 75), “para que sejam homens e não animais ferozes, não animais brutos, não paus inúteis” (Id., *ibid.*, p. 76) e, “para que o homem possa ser formado para a humanidade, Deus lhe concedeu os anos de juventude, durante os quais é incapaz de fazer outras coisas, tendo condições apenas de se formar” (Id., *ibid.*, p. 80).

Este empreendimento em Comenius (2011) era uma proposta pedagógica de escolarização por pelo menos vinte anos para que assim o cidadão formado pudesse vir a participar da vida social: “se quisermos igrejas e estados e famílias bem organizadas e florescentes, antes de mais nada ponhamos em ordem as escolas, fazendo-as florescer para que se tornem realmente forjas de homens e viveiros de homens de igreja, estado e família” (Id., *ibid.*, p. 34). Assim, segundo a proposta pedagógica comeniana (Id., *ibid.*, p. 83 et seq.), o Estado educador deve preparar escolas das coisas da realidade para todos os jovens, sendo necessário que a juventude, de ambos os sexos, seja enviada à estudar para que assim receba uma formação conjunta. Além disso, a educação na escola deve ser universal, ou seja, deve-se ensinar tudo a todos, pois as instituições escolares precisam ser oficinas da humanidade que transformem os homens em homens de verdade.

A FUNÇÃO DO ESTADO EDUCADOR

O Estado Moderno, verdadeira arena de conflitos, teve como uma de suas características mais marcantes a ascensão do Absolutismo, cuja dominância perdurou até o século XVII e começou a se quebrar no século XVIII, com destaque para a divisão dos poderes do Estado na Inglaterra seiscentista e o advento de uma nova realidade política que passa a ser vivida pelos europeus, acarretando em um processo de elaboração do conjunto de teorias novas naquele momento e um novo campo de discussão: o da ciência política. Na Itália, por exemplo, com base na observação dos conflitos internos e externos, das disputas de poder que geravam instabilidades políticas, Maquiavel (2012), ainda no século XVI, tomando por base a questão de como seria possível a perpetuação do poder dos governantes, dedicou-se a observar as disputas políticas. Em sua visão, o homem deveria ser formado não para a fraqueza (*debolezza*), mas para viver as coisas do mundo, as coisas dos homens e para o exercício da cidadania. Formado, seria um sujeito de virtude (*virtù*) que se prepara e que se antecipa à *fortuna*, ao acaso, ao fortuito, pois estaria sempre atento à experiência das coisas modernas, mas também observaria as lições das coisas antigas o que, para Maquiavel (2012), eram as duas fontes do conhecimento. Segundo Ames (2008), Maquiavel confere à educação a força que possibilitará que o homem venha a ter virtude e, nessa concepção, a educação teria mais peso que as próprias leis para conter a derrocada do Estado, uma vez que a lei somente seria eficaz em um Estado se a virtude prevalecesse; ao passo que, caso esta se corrompesse, a lei perderia a capacidade de constranger a conduta dos homens. Nessas circunstâncias, o Estado deveria ser o educador do homem.

No entendimento de Erasmo (2005), para que todos tenham acesso à educação e aprendam, sobretudo os mais jovens, o papel do Estado é fundamental; de modo que toda escola deve ser pública, não no sentido de repartição, mas acessível para todos. “Oxalá só existisse escola pública” (Id., *ibid.* p. 69), pois este

sistema se revela o mais adequado ao atendimento coletivo. Bem mais cômodo sujeitar muitos pela disciplina sob o comando de um único preceptor do que levar a termo uma educação personalizada. Nem por isso está em questão tanger manadas de asnos ou de bois e, sim, educar, liberalmente, seres livres (Id., *ibid.*, p. 69).

Erasmo busca uma sociedade que se organize mas, para tanto, em nome dessa coletividade social, faz-se

necessário um Estado que estabeleça e se responsabilize pelas políticas públicas de educação para a juventude (Cf. id., ibid., p. 378-379). É um novo tipo de pensamento pedagógico no que tange às ações de educação, de promoção da cultura, de práticas sociais para a afirmação de condições, a fim de que os homens educados e instruídos possam viver em sociedade sob a tutela estatal; pois, se até então a educação era individualizada, passa então a ser considerada como uma responsabilidade do Estado Moderno. Embora o pensamento pedagógico de Erasmo ainda tenha um viés religioso, já não enfatiza a vida eterna, mas uma educação para a vida temporal e civil. Assim, pelo menos duas dimensões podem ser observadas no discurso pedagógico do pensador de Roterdã: o homem como credor do Estado e o Estado como devedor do homem e como agente educador. A essa educação do Estado ninguém escaparia.

Ao contrapor “Schola Publica” a “Schola Privata”, Erasmo aborda um problema de remotíssima data. [...] O aspecto da publicidade da escola, enquanto sob o controle de autoridade do Estado, perde para a ênfase dada à necessidade de trocar o preceptor particular pelo mestre que dirige um contingente maior de alunos de modo a eliminar a figura individual e privativa do professor (FERACINE, 2005, p. 69, grifos do autor).

Comenius (2011) também percebe a escola diretamente atrelada ao Estado e sua manifestação; uma agência através da qual este se expressa; um estabelecimento responsável pela transmissão dos saberes e da cultura para que, assim, os indivíduos pudessem viver em sociedade. Sob o controle estatal, destinar-se-ia a estabelecer tudo aquilo considerado como essencial ao modo de viver da sociedade moderna. Citando Cícero, Comenius (2011) questiona: “Que dádiva maior e melhor podemos oferecer ao Estado senão educar e cultivar a juventude?” (Id., ibid., p. 14).

Certamente, essas ideias sofreram críticas ao longo do tempo e outras concepções sócio-políticas-pedagógicas surgiram, tal como a de Rousseau (1999), filósofo do século XVIII que apregoa a necessidade da época de renovar os parâmetros do ensino, ao apresentar uma proposta distante e até diametralmente oposta, em vários aspectos, ao que foi discutido até aqui. Contra a ideia do homem civilizado, cria um projeto pedagógico que faz apologia ao “bom selvagem”, um homem em estado natural que deve ser educado na e de acordo com a natureza, porquanto é essencialmente bom, mas a sociedade e a cultura (im)põe-lhe grilhões e o corrompe, fazendo-o capaz de cometer atrocidades.

CONCLUSÃO

Divergências nas concepções pedagógicas à parte, o que se pode concluir é que, de modo geral, a partir do Renascimento, principia-se uma discussão sobre projetos de educação da criança desde a mais tenra idade até à juventude, seja pela influência da Reforma, com os pensadores protestantes, seja no sentido da Contra-Reforma, mas sempre no intuito da estruturação de uma escola pública moderna, pautada em concepções que enunciavam a necessidade da busca da razão, do conhecimento e da aprendizagem para um viver piedoso e para a vida em sociedade com virtude, costumes honestos e éticos. Para tanto, a escola pública e universal deveria ensinar a todos – homens e mulheres –, hábitos, valores, religião e saberes admitidos pela sociedade ocidental, ou seja, sendo um instrumento estatal, a fim de que o homem instruído pudesse ter uma vida temporal e civil de acordo com as leis humanas, mas também sob as graças dos céus.

REFERÊNCIAS

AMES, José Luiz. Maquiavel e a educação: a formação do bom cidadão. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 31(2): 137-152, 2008.

COMENIUS. **Didática Magna**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ERASMO DE ROTTERDAM. **De Pueris (Dos Meninos). A civilidade Pueril**. São Paulo: Editora Escala, 2005.

FERACINE, Luís. Introdução e Notas. In: ERASMO DE ROTTERDAM. **De Pueris (Dos Meninos). A civilidade Pueril**. São Paulo: Editora Escala, 2005.

MACHIAVELLI, Nicolò. **O Príncipe** / Nicolau Maquiavel. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, com período sanduíche na Universidade de Lisboa.
Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista CAPES.

Recebido em: 06/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: